

Índice

Do “gosto de ti” ao “sim, quero”	1
--	---

Do “gosto de ti” ao “sim, quero”

Os jovens que incluem o casamento no seu projeto de vida estão diante de um panorama de ruturas e de baixa nupcialidade. Mas os obstáculos para adquirir um compromisso não se encontram somente de fora: o medo do “para sempre”, o analfabetismo afetivo, o desespero, provocam uma fratura no plano interior de muitos deles. Partir de como são os jovens torna-se crucial para saber como acompanhá-los da melhor maneira possível no seu caminho para o casamento, e isso não se poderá fazer com sucesso se não for tido em conta o seu mundo afetivo.

Carlota acreditava no amor para sempre até que o exemplo dos seus pais desabou para ela. Sai com rapazes, mas no fundo tem sempre o medo de que esse amor termine algum dia. Além disso, não lhe interessa uma relação que dure por durar, que seja apenas um aguentar.

Pedro tem 24 anos e acaba de terminar o curso. Estava há seis meses com Sonia. Chegou o verão e ao deixarem de se ver, ele começou com dúvidas. Romperam. Viram-se em julho e ele voltou a emocionar-se. Reataram. Poucos dias depois ele disse-lhe que, quando não a via, não sentia nada e que não podia estar assim com ela.

Nicolás e Lorena têm vindo a sair juntos nos últimos três anos. Falaram sempre de planos de futuro, de se casarem jovens, de formarem uma família. Mas subitamente ele não vê as coisas assim tão claras, avança desculpas, protela as coisas. Diz que não se conhecem o suficiente, que é melhor continuar como estão. Lorena não compreende o que se está a passar e não sabe o que fazer. Gosta dele e sabe que isso é recíproco, mas e o seu projeto em comum?

Tal como Carlota, Pedro, Sonia, Nicolás e Lorena, muitos jovens deparam com estes obstáculos no momento de construir um projeto pessoal que tenha o casamento no horizonte. Anseiam por um amor eterno com o qual sejam felizes, mas ou pensam que não é possível, ou não sabem passar da paixão para um amor maduro, ou ficam aterrados com o compromisso, ou ainda vivem uma mistura de tudo o que atrás se referiu.

Acompanhar de perto

Ao mesmo tempo, os jovens querem saber. Segundo um estudo do Projeto YourLife, da Universidad de Navarra, que foi realizado nas Filipinas, em El Salvador e no Peru, com uma amostra de 8500 jovens dos 14 aos 18 anos, 83 % gostariam de saber como gerir melhor os sentimentos e as emoções; e 80 % gostariam de conhecer a diferença entre desejo, atração e amor.

Um [relatório da Harvard Graduate School of Education](#) mostra que 70 % dos jovens desejariam que os seus pais lhes tivessem dado mais informações sobre os aspetos emocionais de um namoro (como ter uma relação mais madura ou como superar uma rutura, entre outros); e 65 % teriam gostado que estes temas tivessem sido abordados na escola.

“Mas quem fala hoje destas coisas? Quem é capaz de levar a sério os jovens? Quem os ajuda a prepararem-se seriamente para um amor grande e generoso?”, interroga-se o Papa Francisco em [“Amoris laetitia”](#) (n. 284).

Já em “Familiaris consortio” (n. 66), João Paulo II apresentava a preparação para o casamento como “um processo gradual e contínuo”, com “três momentos principais: uma preparação remota, uma próxima e outra imediata”.

Sobre a preparação próxima para o casamento, Francisco afirma que, além de grupos de noivos e de conversas, “são indispensáveis alguns momentos personalizados, porque o principal objetivo é ajudar cada um a aprender a amar a pessoa concreta com a qual pretende partilhar toda a vida. Aprender a amar alguém não é algo que se improvisa nem pode ser o objetivo de um breve curso prévio à celebração do casamento” (n. 208).

A necessidade de acompanhar os noivos a partir de onde partem, com os seus medos, feridas, sonhos e expectativas, caminhar com eles e compreender aquilo de que necessitam, foi o tema das “[Jornadas de Actualización Pastoral](#)” realizadas na Universidad de Navarra a 17 e 18 de setembro do ano passado.

Na sessão de abertura, Juan José Pérez-Soba, professor do Pontificio Istituto Teologico Giovanni Paolo II per le Scienze del Matrimonio e della Famiglia, destacou que necessitamos pôr o foco, mais no acompanhar, do que no proporcionar de conselhos: “Com um jovem é possível ter muitas conversas, mas ele necessita do acompanhamento para integrar a formação”. E acrescentou que “a nossa pastoral atual é o maior obstáculo, porque está centrada em dois princípios: serviços e reuniões, e isso não serve para acompanhar”.

Respostas a um desejo profundo

A conversão pastoral da qual se falou especialmente após o Sínodo da Família (ver “[Aceprensa](#)”, 14.9.2016) torna-se cada vez mais necessária. Pérez-Soba sublinhou-o com a seguinte comparação: “Qualquer pobre em qualquer parte do mundo sabe aonde acorrer na Igreja quando tem alguma necessidade, mas os casais com problemas não sabem aonde ir e não veem na Igreja uma possível ajuda. Este é um problema que indica de que modo a Igreja não soube estar próxima das pessoas nestas situações”.

O acompanhamento não é algo apenas para os meses anteriores às pessoas se casarem: deve estender-se a todo o noivado e continuar depois do casamento; na sua opinião, “um curso pré-matrimonial terá mais sucesso se os noivos souberem que, em seguida, poderão ter a oportunidade de serem acompanhados, e não somente por sacerdotes, como também por outros casais com experiência”. Além disso, “os noivos que são objeto deste acompanhamento, uma vez casados, terão a possibilidade fazer o mesmo com outros futuros esposos e isto conforma o gérmen de uma pastoral familiar que se multiplica”.

Pérez-Soba, que conta com experiência neste âmbito desde 1995, calcula que esta conversão pastoral exigiria um plano de cinco anos nas dioceses, e pelo menos três anos de formação para as pessoas que, numa paróquia, quisessem desempenhar esta missão.

Quando a preparação remota não aconteceu na família, ou, pior ainda, o que se viveu foram contra-exemplos, aparece o desafio de oferecer esperança com o amor para sempre. Segundo o professor do Istituto Giovanni Paolo II, “o problema não tem a ver com o modelo que estamos a oferecer [de fidelidade no casamento], mas com o facto das pessoas perderem a esperança e não acreditarem ser possível esse amor para sempre. Tem de se mostrar um amor que permanece”.

Por vezes, o desafio será dar esperança aos jovens com este ideal, tornando-os conscientes de que não se trata de algo alheio a eles, mas que realmente responde a um desejo profundo; noutras ocasiões, terá a ver com dar-lhes as ferramentas de que necessitam para chegarem onde querem chegar.

À mercê das emoções

Para saber como podemos acompanhar da melhor maneira possível este processo, é necessário partir de um conhecimento sobre como são os jovens.

O jovem de hoje é, segundo Pérez-Soba, um “indivíduo emotivo pós-moderno”, que reduz o seu mundo afetivo às meras emoções e tende a ficar com a introspeção sobre como se sente a cada instante. O Papa Francisco já adverte sobre o perigo da emoção excessiva numa citação que o professor do Istituto Giovanni Paolo II refere como uma das mais desconhecidas da “Amoris laetitia” (n. 145): “Acreditar que somos bons só porque ‘sentimos coisas’ é um tremendo engano. Há pessoas que se sentem capazes de um grande amor apenas porque têm uma grande necessidade de afeto, mas não sabem lutar pela felicidade dos outros e vivem fechadas nos seus próprios desejos. Nesse caso, os sentimentos distraem dos grandes valores e ocultam um egocentrismo que não torna possível cultivar uma vida sã e feliz em família”.

A pessoa que vive à mercê das emoções está, seguindo Pérez-Soba, fragmentada (em cada ambiente da vida sente emoções diversas), desorientada (o seu objetivo muda constantemente), vive do imediato e “acredita que a promessa dura enquanto se sustiver a emoção que deu lugar a essa promessa. Os noivos pensam que, no casamento, se prometem os seus sentimentos e não as suas vidas”.

Este indivíduo emotivo mostra-se “especialmente frágil para poder enfrentar o desafio tão grande de um compromisso estável”. Segundo Pérez-Soba, é o medo que fez cair drástica-

mente as taxas de nupcialidade, e isto constitui, na sua opinião, o primeiro problema da pastoral familiar: as pessoas casam-se cada vez menos; e, desde 2016, por exemplo, em Espanha, o número de casamentos civis supera o dos casamentos pela Igreja católica que, nesse ano, representaram somente 27 % do total.

O medo não é só o receio do compromisso, como também “a percepção da divisão interior afetiva que não sabe ver nos acontecimentos o caminho para o casamento”.

Ajudar a interpretar os afetos

Não podemos deixar de lado os afetos se queremos compreender e acompanhar os jovens; de outro modo, a formação ficaria coxa. Pérez-Soba explicou que somos herdeiros de uma apologética racionalista na qual a tarefa evangelizadora consistia nas demonstrações através de argumentos, mas esse modo de proceder agora é insuficiente. Temos de estar conscientes, além disso, de que “falar dos afetos não exclui a objetividade”: o desafio consiste em movimentar-se neste campo sem cair no extremo do racionalismo, nem no do romantismo centrado somente nos sentimentos.

O analfabetismo afetivo de que padecem muitas pessoas, “com a sua falta de leitura dos afetos devido a um intimismo que se esgota em si mesmo”, leva à dificuldade para o compromisso, segundo o orador; por isso, “tem de haver um acompanhamento na interpretação afetiva; que as pessoas vejam os seus afetos, e ajudá-las a conseguir interpretá-los. Não devemos ignorá-los a partir de um voluntarismo que acredita já saber aquilo que tem de fazer. Se rejeitamos os afetos em nós, não nos entendemos”.

Em diferentes sessões das Jornadas foi partilhada a experiência generalizada de que muitas pessoas chegam ao casamento com uma personalidade algo adolescente e com uma imagem do amor meramente romântica, pensando que o casamento é um ponto de chegada, mais do que um ponto de partida.

Assim, se não se superar o excesso de emoção, os jovens ficam-se pela fase da paixão e fracassam na tentativa de passar a um amor maduro. Colocando o foco na intensidade dos sentimentos, “o tempo aparece como uma ameaça implacável do amor”, salientou Pérez-Soba, pois observa-se que essa intensidade é variável. O especialista falou de três fases no caminho para o casamento: gostar, conhecer e entregar-se; e referiu que, muitas vezes, o problema reside no facto das pessoas se abstraiem do “conhecer” e viverem com a mentalidade de que “basta gostar para se entregar”, com o perigo de que um amor baseado nos sentimentos se esgotar rapidamente.

A beleza do amor para sempre

Parte do trabalho de acompanhamento nesta interpretação dos afetos consiste em mostrar que o tempo “não é um inimigo, mas um aliado que permite amadurecer”. A quem é impossível manter um compromisso, perde muito da profundidade, da ligação e do conhecimento que se consegue com alguém a quem se ama e com quem se comprometeu, com o tempo como aliado.

Isto relaciona-se com a importância de dar esperança com um amor para sempre: mostrar a beleza da fidelidade (ver “Aceprensa”, 22.10.2015), não como um mandato que cai como uma pedra, mas como um presente, como o que está mais de acordo com os nossos desejos. Nas palavras do Papa Francisco: “Na própria natureza do amor conjugal existe a abertura ao definitivo. A união que se cristaliza na promessa matrimonial para sempre é mais do que uma formalidade social ou uma tradição, porque se enraíza nas inclinações espontâneas da pessoa humana” (“Amoris laetitia”, n. 123).

Karol Wojtyła, desde os anos 50 até se tornar João Paulo II, fez um trabalho de acompanhamento num grupo juvenil que chamaram Srodowisko e que aglutinava jovens de todo o tipo – não apenas noivos. A partir do seu contacto e das suas conversas com eles, escreveu “Amor e Responsabilidade” (1960). Seguramente também desses tempos em contacto com estudantes surgiu a sua obra de teatro “A Loja do Ourives” (escrita em 1956 e publicada quatro anos depois), onde aparece esta frase: “O amor é um contínuo desafio que Deus nos lança, e fá-lo, talvez, para que nós desafiemos também o destino”.

O destino, às vezes, podem ser estatísticas sobre divórcio e baixa nupcialidade, mas às quais, pessoa a pessoa, com esperança, com formação, com acompanhamento e com amor, é possível dar a volta. Para que jovens como Carlota possam voltar a acreditar no amor para sempre; para que noivos como Pedro e Sonia aprendam a interpretar o seu mundo afetivo; para que jovens como Lorena e Nicolás percam o medo do compromisso e saibam discernir sobre o seu noivado; para que todos eles tenham ao seu alcance as ferramentas de modo a viver casamentos felizes.

L. M. A.